

O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TDAH

Autor (a) Maria Inês Cabral Silva; Co-autor (1) Elaine Cristina Queiroz Menezes; Co-autor (2) Juliane Lopes da Silva; Co-autor (3); Marizethe Sousa Bezerra ; Orientadora: Prof. Me. Terezinha de Jesus Maia Lima

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Centro de Estudos Superiores de Balsas – CESBA
inescontabilidade@hotmail.com

Introdução

Nos primeiros dias de aula, o professor tem uma tarefa imprescindível: perceber o que cada aluno domina de acordo com a série que está inserido. É a chamada sondagem inicial (ou diagnóstico da turma), que permite identificar quais hipóteses sobre a língua os alunos têm e com isso adequar o planejamento das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada turma. Esse diagnóstico inicial permite o professor fazer uma avaliação e um acompanhamento dos avanços na aquisição dos conhecimentos entre os alunos. Mas tão importante quanto a observação do que o aluno está apto a fazer, é também a percepção de outros fatores que influenciam no seu desenvolvimento escolar.

Das diversas necessidades educativas especiais (físicas, cognitivas, emocionais e afetivas) presentes no âmbito escolar, existem vários fatores que influenciam no aprendizado do aluno, que vão além da observação superficial do professor.

Objetivos

Dentre essas necessidades educativas especiais, nesse estudo temos como objetivos demonstrar ao leitor o que seja o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade -TDAH, oferecer maiores referenciais avaliativos e reflexões sobre o assunto para educadores, professores, psicopedagogos e familiares. Expor quais são seus principais sintomas, as dificuldades e as consequências que decorrem da omissão do tratamento. Assim como proporcionar a visão que o uso do lúdico como estratégia de ensino e intervenção dos sintomas nessas pessoas no ambiente escolar possui um importante papel no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Esse estudo foi motivado pela percepção da ausência de conhecimento relacionado ao TDAH por parte de muitos colegas e educadores. Surgiu então o interesse em pesquisar sobre a temática, a fim de aprofundar os conhecimentos, no sentido de promover informação aos profissionais de educação e assim favorecer a aprendizagem de alunos com TDAH. Por apresenta-se cada vez mais frequente as repercussões em sala de aula, configurando um panorama de dificuldades, problemas de rendimento e comportamento nessas pessoas, deu-se a escolha do tema.

O exposto é resultado de pesquisas bibliográficas, revisonadas em torno do tema proposto que sustentam as discussões contidas no referencial teórico.

O TDAH é um transtorno Neurobiológico, em que, o córtex pré-frontal direito, parte do nosso cérebro responsável pelo planejamento, emoção e julgamento, onde é um pouco menor nas pessoas que apresentam este transtorno. Compromete a atenção, o comportamento e o controle de impulsos que, assim, interfere no desenvolvimento cognitivo dessas pessoas. Não se limitando a infância, pode ser diagnosticado mais tardiamente em adolescentes e até mesmo na vida adulta.

Em outras palavras, caracteriza-se por um problema em determinadas áreas do cérebro responsáveis em controlar o comportamento inibitório. Devido ao prejuízo no funcionamento deste “freio”, as crianças com esse Transtorno apresentam maior hiperatividade e impulsividade. É composto por uma combinação de dois grupos de sintomas: desatenção e hiperatividade; impulsividade.

Sena apud Silva (2016) conceitua o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade como uma síndrome neurobiológica, descrita pela primeira vez em 1845 pelo psiquiatra alemão Heinrich Hoffmann. Suas características mais facilmente observadas são: dificuldade em manter a concentração em atividades que requeiram envolvimento cognitivo, tendência em mudar de uma atividade para outra sem completar nenhuma, dificuldade em planejar e organizar atividades diárias, associadas, em alguns casos, a agitação excessiva e ausência do controle sobre impulsos.

Esse grupo, em geral, torna-se extremamente inquieto, age com impulsividade, não se atenta a detalhes e se distrai com muita facilidade. Porém, possuem uma característica peculiar, um detalhe relevante ao falar em “déficit de atenção”: uma criança que sofre com esse transtorno não consegue se concentrar nas suas atividades rotineiras, porém, se for alguma tarefa ou brincadeira que lhe desperte muito interesse como jogo eletrônico, um desenho na TV, ou qualquer atividade que lhes desperte interesse, pode mostrar-se

concentradíssima, consegue manter o foco normalmente ou até com uma concentração maior que crianças que não possuem esse distúrbio.

Ferreira (2008) diz que o TDAH é um transtorno do comportamento, que atua mais especificamente no desenvolvimento do autocontrole, na competência de dominar os impulsos e de conseguir organizar-se em relação ao tempo determinado para fazer algo imediato, assim como desenvolver tarefas relacionadas ao futuro, ou seja, a curto e longo prazo como as demais pessoas estão aptas a fazer.

Fernández (2003), apoia uma definição que integra várias perspectivas teóricas, para entender e descrever o transtorno: neurológico, psicopedagógico e escolar. Define o TDAH como um transtorno de conduta crônico com um fundamento biológico de grande importância, mas não devido a uma única causa, com uma forte base genética. Compreende crianças com inteligência normal ou bem próxima do normal, que apresentam dificuldades significativas para adequar seu comportamento e/ou aprendizagem à norma esperada para sua idade.

A criança com TDAH apresenta dificuldades perante o convívio social, pois geralmente é confundido com outros comportamentos próprios da idade, o que acaba comprometendo a integridade das relações sociais. Segundo Almeida (2015), essas crianças apresentam sentimentos de vergonha, dúvidas sobre si mesma, baixa autoestima e distanciamento das atividades propostas.

Conforme Silva (2009) “Crianças costumam dizer o que lhes vem à cabeça, envolver-se em brincadeiras perigosas, brincar de brigar com reações exagerada, e tudo isso pode render-lhe rótulos desagradáveis como “mal-educada”. Esses comportamentos além de mais intensos, são mais frequentes em crianças com TDAH. Essas características afetam os sentimentos e o comportamento das crianças, que podem atribuir as consequências desses sintomas à incompetência pessoal. Esses sintomas devem estar presentes pelo menos em dois ambientes que a criança frequenta, não apenas na escola, mas em casa, como também pode aparecer em ambientes de socialização.

Alguns pesquisadores relatam que quanto mais a pessoa que tem TDAH tenta se concentrar, pior para ela. As atividades no córtex, se desliga ao invés de ligar e acelerar. Quando o pai ou o professor põe mais pressão, para que ela melhore seu desempenho ela se torna menos eficiente. Muitas vezes quando isso acontece, os pais e professores, assimilam como má conduta e daí surgem problemas sérios e muito sofrimento para essas pessoas, de forma que um dos caminhos adotado por elas é a fuga, desistir, resultando em uma evasão escolar, retraimento do grupo e desentendimento no lar.

É um assunto relativamente novo, porém, já muito estudado. O conhecimento do assunto impulsionou o surgimento da Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), mesmo com muitas iniciativas para a divulgação dos sintomas e causas desse transtorno, ainda existem muitas dúvidas e desconhecimento por parte de médicos, psicólogos, pedagogos, educadores, familiares e pelas próprias pessoas com TDAH.

Muitos “diagnósticos” se baseiam apenas no comportamento em sala de aula, o que faz com que muitas crianças sejam rotuladas como hiperativas e conseqüentemente medicadas de forma indiscriminada, prejudicando seu desenvolvimento e aprendizagem.

A criança com TDAH possui dificuldade de concentração, podendo distrair-se com facilidade, por qualquer barulho ou mesmo sozinho, esquece seus compromissos e perde ou esquece objetos nos lugares. Possuem dificuldade em seguir instruções, em se organizar, além de falar muito, interrompendo as pessoas enquanto conversa, não conseguindo esperar sua vez, respondendo às perguntas antes mesmo delas serem feitas por completas.

Os estímulos diversos do ambiente, muitas vezes ignorados por outros alunos, são atraentes ao aluno com TDAH, o que acaba interferindo no desempenho das atividades propostas.

A falta de conhecimento desse transtorno por parte dos profissionais de educação pode acarretar-lhes enormes dificuldades em lidar com a aprendizagem e o comportamento dessas crianças em sala de aula. Nesse sentido, Correia e Linhares (2014) observam que a maioria desses profissionais tem conhecimentos errados sobre esse transtorno; porém, até quando possuem conhecimentos corretos, não conseguem dar a devida atenção a essas crianças por falta de suporte apropriado ou de condições materiais. Dessa forma, pode-se afirmar que o sucesso acadêmico das crianças com TDAH está ligado às informações que os educadores e a família têm sobre o tema.

O professor deve se questionar sobre qual é a dificuldade mais importante do aluno com TDAH e o que mais atrapalha no desempenho escolar daquele aluno. Ao conseguir essas respostas fica mais fácil traçar estratégias para serem aplicadas em sala de aula.

O diagnóstico correto e preciso do TDAH só pode ser feito através de uma longa anamnese (entrevista) com um profissional médico especializado (psiquiatra, neurologista, neuropediatra). Muitos dos sintomas relacionados podem estar associados a outras comorbidades correlatas relacionadas ao TDAH e a outras condições clínicas e psicológicas. Lembrando sempre que qualquer diagnóstico só pode ser fornecido por um profissional médico. Porém o professor pode fazer uma breve sondagem respondendo um questionário a partir das observações em sala de aula.

Atividades educacionais lúdicas, como Jogos, pode ser recurso pedagógico eficaz para a aprendizagem de alunos que apresentam esse transtorno. Além de contribuir para desenvolver habilidades como leitura, escrita e aritmética, eles colaboram para a melhoria da atenção, da concentração e do autocontrole desses alunos, assim a comunicação desses alunos acometidos por essa patologia será trabalhada e desenvolvida através do lúdico como estratégia de promoção do ato de comunicar-se.

Embora ainda exista a ideia de que as atividades lúdicas devem servir apenas como distração, como passatempo que ocupe o tempo da criança, estudos tem mostrado a importância destas atividades para o desenvolvimento sadio da criança.

Três grandes vertentes teóricas oferecem subsídios sobre o lúdico, atribuindo a ele significados e funções diferentes: as visões sócio-histórica, cognitiva e psicanalítica.

Para Vygotsky (1989), o brinquedo desempenha várias funções no desenvolvimento, como: preenche as diversas necessidades da criança, permiti o envolvimento da criança num mundo ilusório, favorece a cognição, fornece um estágio de transição entre pensamento e objeto real, possibilita maior autocontrole da criança, uma vez que lida com conflitos relacionados às regras sociais e aos seus próprios impulsos.

Na perspectiva cognitiva, o brinquedo e o ato de brincar, conforme Amorim apud Oliveira (1994), constituem-se em vínculos importantes na construção do conhecimento, pois o sujeito internaliza sua realidade através da simbolização.

A teoria psicanalítica remete o brincar ao inconsciente, onde Winnicott (1982) nos afirma que, as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeiras físicas e emocionais. Além disso, brincam também para dominar angústias e controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia. No espaço do brincar a criança comunica sentimentos, ideias, fantasias, conectando o real e o imaginário.

Dohme (2003) contribui dizendo que trabalhar com o lúdico viabiliza ao professor valorizar a criatividade do aluno, deixar que crie regras para um bom andamento dos trabalhos, para tomar decisões e para que desenvolva a autonomia, ajuda o aluno a conhecer-se como pessoa, integrante de uma sociedade, em que, como todos tem o papel nela.

A interação social da criança por meio dos jogos, permite que esta desenvolva os aspectos afetivos e cognitivos conjuntamente com a socialização e com o exercício da partilha coletiva que requer o cumprimento de regras, critérios, nos quais a criança compreende que o outro também tem os mesmos direitos e as mesmas oportunidades de participação e troca de experiências.

Considerações Finais

No que tange a aprendizagem de crianças com TDAH, é importante conhecer suas características para a condução do processo educacional, no sentido de buscar alternativas pedagógicas para o processo de aprendizagem desses alunos, uma vez que TDAH influencia na aprendizagem e também na sua convivência social, assim, sua comunicação no ambiente escolar não fica ameaçada, uma vez que atinge a forma de se expressar também.

Observou-se que o trabalho pedagógico representa um papel fundamental no processo de aprendizagem do educando com TDAH. As intervenções pedagógicas dos professores junto ao aluno, possibilita que o desempenho escolar seja otimizado pelo uso de instrumentos adequados de manejo na escola, como as estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. F. **Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**. Portal dos psicólogos, São Paulo/SP, 2015.
- CORREIA, Aparecida da Paixão; LINHARES, Tatiana Corrêa. A atuação do psicopedagogo com crianças com **REVISTA PAIDÉIA | V.19, N.40, jan. /abr. 2017. 259 A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: ESTRATÉGIAS E AÇÕES PARA EDUCADORES** transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores. Revista Paidéia, Belo Horizonte, Universidade FUMEC, v. 11, n. 17, p. 141-161, jul. /Dez 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/owXkLd>>. Acesso em: 09/02/2018.
- DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: O caminho de tijolos amarelos no aprendizado**. Rio de Janeiro. Vozes, 2003.
- FERREIRA, C. **TDAH na infância: Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade, Orientações e técnicas facilitadoras**. Belo Horizonte: Uni Duni Editora, 2008.
- FERNÁNDES, A. **Os idiomas do Aprendiz. Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed. 2001.
- WINICOTT, D. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. 1982.
- OLIVEIRA, P. S. **O que é Brinquedo?** São Paulo: Brasiliense. 1984.
- VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes, 1989.
- SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.